

Cabelos

"Você vai ficar em casa hoje?" Ela estava lavando os cabelos e ia começar a pintá-los, quando ele perguntou. "Vou", ela disse, sem olhar para ele. "Então te vejo à noite." Deu-lhe um beijo quase sem tocá-la e saiu.

Aos sábados, jogava futebol com os amigos do clube. Ela às vezes ia junto, para tomar um pouco de sol, quando fazia tempo bom. Naquele dia, porém, não tinha vontade, estava um pouco frio.

Ouviu o carro na garagem, o portão, a aceleração até a esquina. Olhava-se no espelho. Os cabelos estavam ficando mais ralos. Perdia muitos todos os dias, quando passava a escova. O médico dissera que era assim mesmo, nada havia que fazer. No inverno cresceriam de novo: era alguma coisa relativa ao calor e ao suor.

Mas o que a incomodava é que os fios brancos cresciam em grande quantidade. Ou então eram só os castanhos que caíam. De qualquer forma, queria começar logo o tingimento.

Enquanto punha a luva de plástico, pensava como sempre na sua vida. Viviam bem e calmamente. Não terem filhos tinha sido um acordo, não uma imposição. Por certo teria gostado de crianças, como gostava dos cãesinhos. Mas não se sentia nunca preparada para ter de todos os dias lidar com aquilo. Era uma coisa para sempre, como diziam as amigas.

Tentava não pensar muito nisso, como também tentava não pensar muito no marido, nem na casa. Hoje era o dia dos cabelos. Da última vez fora à cabeleireira. Mas não tinha dado muito certo. E não se sentia bem, afinal, com aquela espécie de confissão de velhice. As amigas gostavam, como também gostavam de se mostrar as varizes, as gorduras da barriga, da bunda ou a pele do pescoço. Nunca entendera aquilo: uma competição para ver quem tem mais misérias. Era a prova da intimidade. Passado aquele momento, o que contava era a competição. E nada adiantava saber das mazelas das outras, se elas também sabiam as nossas. Era o que pensava, ao abrir o novo tubo de tintura.

Fez o ritual com atenção e com cuidado. Passava o pente no ritmo certo, espalhando a tinta por igual. Os cabelos, naturalmente ondulados, ficavam esticados, molhados, deixando ver, entre os fios arrumados pelo pente, o couro da cabeça. Contemplou a forma do seu crânio, assim modelada pelos fios molhados, e não a achou bonita. Tinha as têmporas afundadas, uma elevação cônica no alto da cabeça, e a cabeça parecia mais larga no rosto do que na nuca. Por sorte, havia o disfarce dos cabelos. Até quando, era a questão. Mas sempre podia usar perucas, pensava com horror. Devem cheirar mal, dar cocciras. Sacudiu então a cabeça, como se fosse para espantar essas idéias, e viu que já era tempo.

Durante os longos minutos em que secava os cabelos, pensava no que poderia fazer. Já não queria mais ficar ali a tarde toda, esperando que ele voltasse só à noite, depois do jogo, da cerveja e do churrasquinho. Aprontou-se, modelou bem os cabelos, como se os defeitos que vira fossem evidentes para todos e precisassem de disfarce.

Entrou no carro ainda sem saber para onde ia. Acabou no shopping center, olhando as vitrines com desinteresse.

Tomou um sorvete, culpada porque ganhava peso, e desceu para o térreo, onde tinha posto o carro.

Do lado oposto, um homem vinha caminhando em zigue-zague, tentando acender um cigarro. Parecia bonito, de longe, com o paletó bem cortado e a gravata flutuando no vento. Parou e ficou olhando para ele. Quando ele a viu, pareceu um pouco embaraçado. Depois, sorriu. Como ela não parasse de olhar, embora fizesse um movimento para entrar no carro, ele se aproximou e disse "Olá". Ela sorriu. Ele talvez a achasse bonita, pois perguntou se não se conheciam. Ela disse que não, mas sempre era tempo, ou ele não achava?

Voltaram para o shopping, andaram à toa entre as vitrines e ela, para o acompanhar, tomou outro sorvete. Então ele lhe perguntou se não queria ouvir música em sua casa. Era uma segunda cantada. Tão pobre e descarada, que ela caiu no riso. Ele também ria, e só ficou sério quando ela pôs a mão sobre a dele e disse "Claro, por que não? Você vai na frente e eu sigo no meu carro".

Ela sabia talvez o que estava fazendo. Pelo menos parecia decidida. Ele lhe preparou um suco, pôs um disco, e se sentou ao lado, no sofá. O jeito como o olhava era uma mistura de coisas. Quando começaram a se apalpar, ela percebeu que tremia de excitação e que lhe estava repetindo que não ia fazer nada sem camisinha. Quando, finalmente, ainda com parte das roupas, ele colocava a camisinha, ela se despiu, respirando sufocadamente.

Antes que pudesse deitar-se em cima dela, ela se pôs de quatro, e foi assim que fizeram a primeira vez. Com o rosto no chão e as mãos estendidas para a frente, ela ficou praticamente imóvel enquanto ele a empurrava com o corpo para a frente e a puxava pelas ancas para trás.

Depois, sobre ela, quando acabava pela segunda vez, ele deve ter podido ver que ela não tinha expressão alguma. Só respirava profunda e rapidamente, como se estivesse sem ar.

Assim que ele terminou, ela lhe disse que estava atrasada e precisava ir embora. Perguntou-lhe o nome, queria o telefone. Ou disse que queria, por princípio. Ela não disse nada. Só disse "Ciao!", sem o beijo frio da despedida. Ele demonstrou gostar daquilo. Pareceu aliviado, quando lhe abriu a porta e disse alguma coisa que ela já não ouviu direito.

Voltando para casa, ela logo se enfiou no banho. Quando se enxugava, percebeu que não tinha gostado da cor, afinal. Por isso pintou de novo o cabelo, experimentando a tinta mais escura que alguém lhe dissera que ressaltaria a cor dos olhos.

"Não é um dia comum", pensou, ao ouvir o barulho da porta e logo, perto de si, a voz do marido que voltava tão cedo. Desligou o secador. "Ainda pintando os cabelos, querida?", ele disse. Ela explicou que era já a segunda vez, pois a primeira tinta não prestava.

Ele a abraçou por trás, beijou-a no pescoço e disse: "Que tal se a gente fosse jantar fora, hoje? Faz tanto tempo que não tiramos um tempo só pra nós". Ela se virou, sorrindo. Achava ótima a idéia. Sentiu que ele estava excitado.

Começou a beijá-lo e sentiu que ele a levantava do chão e a carregava para a cama. Rapidamente, como nos filmes, ele tirou o abrigo, descalçou os tênis e se lançou sobre ela. Enquanto observava a intensidade do prazer dele, foi sendo tomada por uma imensa ternura. Quando ele terminou, e ficou relaxado sobre ela, acariciando-lhe as costas perguntou-lhe se ele sabia que ela o amava muito. Ele respondeu que sim, enquanto deslizava para o lado e se aninhava, com o rosto ainda sobre o corpo dela. Ela então perguntou se sabia que ela nunca faria nada que o pudesse fazer sofrer. Ele disse um outro sim, já mole de sono e de prazer. E enquanto ele adormecia, ela continuou repetindo, ainda por um bom tempo: "Nunca, meu amor, nunca".

Dança

Depois que tudo acabou, sentiu um grande alívio. Pôs um cd, e ao ritmo batido da canção, em frente da janela aberta, por onde entrava uma brisa fresca, pôs-se a dançar. Fechando os olhos, abriu os braços e era como se voasse de um canto ao outro, ondulando em frente da janela, enquanto sentia o ar escorrer em volta das mãos.

O espaço da sala, antes tão conhecido, aos poucos se ia conformando ao escuro das formas em que se moviam os seus gestos.

Dançava e pensava que aquele momento de terror, que por tantos anos tentara evitar, ou simplesmente adiar por mais um dia ou dois, era afinal uma espécie de cena desejada.

Cada gesto o levava àquela sensação. Mais do que o raciocínio, era agora o corpo que finalmente lhe falava, em segredo, o que por tanto tempo tinha apenas moldado os hábitos e os pequenos desconfortos de um dia-a-dia que pesava como uma roupa encharcada.

Livre, pensava.

Mas quando parou, arquejante, e se jogou no sofá, era já um outro pedaço que, finalmente, também passava a se fazer ouvir. Vinha agora aquela nova espécie de vazio. Não o de si mesmo, que era a experiência mais freqüente e banal da sua vida de casado. Mas o vazio de um corpo outro, da pele, dos cheiros. Na antecipação do dia em que a voz cristalina não dissesse as frases detestáveis que vão sendo solidificadas desde o café da manhã até ao beijo de boa-noite, em que o perfume dos cabelos e sobre o travesseiro já não seria o mesmo em cada madrugada, sofria. Era um longo túnel em que agora mergulhava. Nas paredes, nenhum desejo. Nenhum desenho tampouco de tudo o que só aparecia como ausência: o gesto descuidado do abraço noturno, o beijo sonolento que consola do pesadelo pressentido, a desordem da mesa do jantar. Todos os pormenores – a faca suja de geléia, as canetas de um modelo preferido, manchas de pasta de dentes sobre a pia do banheiro – eram engolidos pelo escuro, no antevisto vazio que de súbito se apoderava dele e o paralisava.

Foi então que ela entrou e disse alguma coisa sobre a forma como ele tinha dançado a sua dança particular do fim. Sem pensar muito, levantou-se, pôs de novo a mesma melodia e a pegou para dançar.

Girando no meio da sala, ela lhe disse, surpresa, que todos esses anos pensava que ele não sabia dançar. Perguntou-lhe, mesmo, se tinha sido de propósito, ou de maldade, que escondera tanto tempo aquilo. Ele sorria; não tinha sido assim, dizia.

Ela se debruçou docemente sobre o ombro dele, e lá ficaram os dois, num instante suspenso.

Era a primeira vez, de fato, e ele se perguntava também por que dançavam agora de verdade, após os anos todos que viveram juntos. Pensou que talvez fosse porque finalmente, daquela forma, só daquela forma, podia dançar realmente com ela. Não com a situação usual da dança, nem com o desejo dela de dançar. Mas com ela, ambos desarmados, soltos, sem mais nada que perder.

Mas era apenas mais um pensamento confuso, mal delineado. O que contava realmente parecia ser alguma outra coisa. Mas o seu corpo queria dançar, e ele só teve de se entregar novamente ao movimento, à cadência e à brisa que, agora, soprava um pouco mais forte. Não quis, desistiu de perguntar o que seria. E, enquanto a janela passava outra vez na frente dos seus olhos, percebeu que, mesmo que quisesse, não poderia resolver mais nada, nem compreender muita coisa mais.

Ponte

Parou o carro sobre a ponte da represa. Desceram, deu-lhe a mão e a levou para onde a luz do sol quase poente refletisse melhor nos olhos claros. Estava encostado à mureta e olhava para ela. Os olhos verdes.

Pôs as duas mãos em volta do rosto dela, segurou-a assim um momento. Ela se inclinou para a direita, depois para a esquerda. Como se dançasse. Depois, comunicando o movimento do rosto ao resto do corpo, oscilou para um lado e para o outro. Finalmente, forçou um giro pela esquerda, para ficar virada de costas para a luz do sol. Ele cedeu e viu crescer o halo dos cabelos, com os reflexos vermelhos espalhados pelos fios.

De repente, o sol incomodava. Estava já se pondo, tocando a parte mais alta da colina. Ela jogou a mochila no chão. Viu quando ela se ajoelhou e esperou. Ela abriu o zíper. Olhava desde baixo, com um riso safado. Ele esperou até que ela começasse, olhando para os lados, para ver se de fato estava tudo bem.

Começou. O seu olhar ia passeando pela superfície da água. A sombra das nuvens, o reflexo da colina, a grande extensão das ondulações tingidas de vermelho pelo sol poente.

Mais adiante, as casas da orla eram pequenas manchas brancas, adormecidas na modorra. Os pássaros cantavam. A brisa começava a ficar mais fria.

Olhou para ela. O nariz reto, a pele bem branca, as pequenas veias azuis ao longo dos braços e do pescoço. A sobancelha fina. Ela continuava, com os olhos fechados, com a luz do sol avermelhando mais ainda os fios finos dos cabelos. Não fazia rápido. Não tinha pressa e parecia agora inteiramente alheia, concentrada.

Ele sentia a ondulação dos sentidos, a tensão acumulada nos tendões das pernas, que fraquejavam, e depois se dissolvia ao longo da espinha, voltando a concentrar-se nos pontos em que sentia a pressão da boca, dos dentes, e o movimento da língua.

Voltou a olhar para o lençol de água, percorreu o horizonte com a vista, de uma ponta a outra. Tudo parecia absorvido agora, contido no torpor tenso que ia envolvendo cada músculo. Olhou novamente para ela e lhe disse, enquanto passava a mão pelos seus cabelos, que já não brilhavam tanto, com o sol se pondo: "Não abra os olhos, ok? Não abra os olhos!"

Quando sentiu que chegava a hora, esticou os braços, separou bem os dedos das mãos, sentindo passar entre eles a brisa já fria do começo da noite.

Quando relaxou, ela estava, como lhe havia pedido, ainda de olhos fechados. Tinha sentado inteiramente sobre os calcanhares e mantinha a cabeça abaixada, como nas gravuras japonesas.

Sentado ao seu lado, puxou-a contra si, ainda em silêncio. Ela inclinou-se, deitou-se sobre ele, que a abraçou. Já fazia frio. Ela abriu a mochila, apanhou uma blusa, que puxou para cima do seu corpo. Ele se aconchegou, enfiou as mãos embaixo do agasalho e inclinou a cabeça para trás. No céu, do lado oposto, apagavam-se os últimos reflexos do sol poente.